

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SOCIEDADE CAPITALISTA: A PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA PARA A PROMOÇÃO DA QUALIDADE DA FORÇA DE TRABALHO

THE IMPORTANCE OF PHYSICAL EDUCATION IN CAPITALIST SOCIETY: PROMOTING QUALITY OF LIFE FOR PROMOTING WORKFORCE QUALITY

Aline Fabiane Barbieri¹

RESUMO

O objetivo é discutir a importância da Educação Física na sociedade capitalista, apresentando suas contribuições para a promoção da qualidade de vida e, por decorrência, para a promoção da qualidade da força de trabalho e para a reprodução ampliada do capital. Com base no referencial marxista, tal questão é explorada via análise de materiais bibliográficos pertinentes à temática. Identifica-se que a Educação Física, ao mesmo tempo que contribui para com a melhoria da qualidade de vida, exerce uma função social de suma importância para o capital, à medida que ameniza os efeitos danosos das relações de trabalho capitalistas que impactam a saúde humana e promove a qualidade da força de trabalho, tornando-a mais produtiva e durável.

Palavras – chave: Educação Física. Qualidade de vida. Força de trabalho.

ABSTRACT

The objective is to discuss the importance of Physical Education in the capitalist society, presenting its contributions to the promotion of the quality of life and, consequently, to the promotion of the quality of the workforce and the expanded reproduction of capital. Based on the Marxist framework, this issue is explored through the analysis of bibliographic materials pertinent to the theme. It is identified that Physical Education, while contributing to the improvement of quality of life, has a social function of paramount importance to capital, as it mitigates the harmful effects of capitalist labor relations that impact the human health and promotes the quality of the workforce, making it more productive and durable.

Keywords: Physical Education. Quality of life. Workforce.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Professora EBTT do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Pitanga. E-mail: aline.barbieri@ifpr.edu.br

Introdução

A crise estrutural² do capital ocasionou o aprofundamento das contradições próprias do capitalismo, que, por sua vez, levou à exponenciação da “questão social”, caracterizada pelo aumento da desigualdade, da exclusão social, da pobreza, do desemprego, da violência e da criminalidade, entre outros (MONTAÑO, 2010). Além disso, os momentos de crise também são caracterizados pela tendência ao aumento da exploração da força de trabalho como recurso utilizado pelo capital para alavancar as taxas de lucro.

Conforme Lara (2011, p. 80), o aumento da exploração da força de trabalho intensifica a competitividade entre os trabalhadores e esta, por sua vez, “[...] faz aumentar as tensões psicológicas e pode acarretar distúrbios mentais e lesões”, pois, nos marcos capitalistas, ao invés de o aumento da produtividade do trabalho servir para aliviar as cargas de trabalho aos trabalhadores – considerando que esse aumento representa a capacidade alcançada pela humanidade de produzir uma maior quantidade de valores de uso em um menor tempo –, constituiu-se em meio de ampliação do domínio do capital sobre o trabalho. Essa situação, para Marx (2013, p. 697), “[...] não poderia ser diferente num modo de produção em que o trabalhador serve às necessidades de valorização de valores existentes, em vez de a riqueza objetiva servir às necessidades de desenvolvimento do trabalhador”.

Para corresponder às necessidades da reestruturação produtiva contemporânea, o trabalhador, além de polivalente, proativo e criativo, precisa estar preparado (físico e mentalmente) para suportar as novas taxas de exploração sobre a força de trabalho, necessárias neste estágio de desenvolvimento capitalista.

Nesse contexto, é inflada a importância social da Educação Física e do *slogan fitness* associado a ela, bem como a procura pelas academias e programas de ginástica. Conforme Domenico (2019):

De acordo com o levantamento de 2018 da IHRSA, associação internacional de fomento ao universo de saúde e exercícios, há mais de 34 500 academias no Brasil, o que nos torna o segundo país do mundo com maior concentração de estabelecimentos do tipo, atrás apenas dos Estados Unidos. Juntos, esses espaços somam 9,6 milhões

² A expressão “crise estrutural” é utilizada por Mészáros (2002) ao abordar a crise do capital eclodida na década de 1970, caracterizada por atingir a sociedade capitalista como um todo e não apenas alguns de seus territórios. As crises fazem parte da lógica de funcionamento capitalista, como afirma Mészáros (2002, p. 795, grifo do autor), “[...] crises de intensidade e duração variadas são o modo *natural* de existência do capital: são maneiras de progredir para além de suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação”.

de clientes — apenas Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido têm números maiores no mundo. (DOMENICO, 2019, p. 1).

É necessário lembrar que não são somente as academias que lucram com esse *slogan fitness*:

Quando alguém decide adotar um estilo de vida mais saudável, não são beneficiadas apenas as academias. Diversos negócios saem ganhando, como os de nutrição esportiva (suplementos), tecnologia (monitores de condicionamento), moda (roupas e tênis para malhar) e até beleza (cosméticos específicos para esportistas). (DOMENICO, 2019, p. 1).

Atualmente, “[...] a indústria de atividades físicas movimenta 2,1 bilhões de dólares no Brasil — a receita é a maior da América Latina e a terceira das Américas” (DOMENICO, 2019, p. 1).

Considerando o exposto, o objetivo geral desse texto é discutir a importância da Educação Física na sociedade capitalista, apresentando suas contribuições para a promoção da qualidade de vida e, por decorrência, para a promoção da qualidade da força de trabalho e para a reprodução ampliada do capital.

Para a realização deste estudo, são adotados os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo-histórico, de Karl Marx e Friedrich Engels. Com base nesse referencial, compreende-se que é a dinâmica do objeto de pesquisa que determina, em última instância, os procedimentos do pesquisador, por conta da prioridade ontológica do objeto (real) sobre o sujeito (ideia). (TONET, 2013; NETTO, 2011).

Enquanto produto histórico do capitalismo, modo de relação social que se movimenta por contradições, a Educação Física em suas diversas manifestações é concebida como um complexo permeado por contradições, expresso pela materialização de tensões e forças sociais opostas e antagônicas (NETTO, 2011).

No tocante aos procedimentos de pesquisa, é desenvolvida uma pesquisa de caráter bibliográfico, tendo em vista que a mesma se detém a análise de artigos científicos e livros pertinentes à temática.

A contradição entre capital e trabalho e os prejuízos para a saúde humana: discussão introdutória a partir de categorias econômicas de Marx

As raízes da Educação Física e da cultura corporal, assim como a dos demais complexos sociais, estão situadas na relação entre homem e natureza, ou seja, na categoria trabalho.

Entende-se que o trabalho é a atividade vital do homem e unicamente dele. É a protoforma do ser social e consiste na relação estabelecida entre o homem e a natureza, em que ambos são modificados. É condição de existência humana porque é por meio do trabalho que o homem consegue os meios para se manter vivo. Por isso, o trabalho é uma categoria social ineliminável (LUKÁCS, 1981).

Quanto maior é o nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma determinada sociedade, menor é a quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário de que ela precisa para satisfazer as suas necessidades. Por isso que um alto desenvolvimento das forças produtivas é condição fundamental para a emancipação humana e para a existência real do tempo livre e da riqueza.

Como explica Marx (1988):

Genericamente, quanto maior a força produtiva do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho exigido para a produção de um artigo, tanto menor a massa de trabalho nele cristalizada, tanto menor o seu valor. Inversamente, quanto menor a força produtiva do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para a produção de um artigo, tanto maior o seu valor. (MARX, 1988, p. 49):

O alto desenvolvimento das forças produtivas e, por decorrência, da tecnologia, é condição para a emancipação humana, tendo em vista que promove a diminuição do tempo de trabalho necessário para a sobrevivência humana e, concomitantemente, o aumento do tempo livre.

Como explica Tonet (2005), apoiando-se em Marx:

O trabalho, certamente, é uma atividade fundamental para o homem, mas, como já vimos, não é a forma mais plena da atividade humana. Por isso mesmo Marx (1978)³ assegura que o que mede o desenvolvimento da riqueza humana não é a quantidade de trabalho, mas a extensão do tempo livre. Quanto maior o tempo livre, maior a riqueza da humanidade e maior a possibilidade de os homens se dedicarem a atividades mais livres. (TONET, 2005, p. 164).

³ Refere-se à obra: MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

No capitalismo, o desenvolvimento das forças produtivas da humanidade, que se manifesta, principalmente, pelo desenvolvimento da tecnologia, é basilar, não pela sua capacidade de propiciar ao homem uma maior quantidade de tempo livre, mas, sim, porque tende a aumentar a taxa de extração de mais-valia relativa (visto que promove a diminuição do tempo socialmente necessário para a produção de mercadorias) (MARX, 2013). Ademais, no livro II d'O Capital, capítulo 5, Marx explica que o emprego de tecnologia acelera o ciclo do capital industrial, diminui os poros do processo de produção, aumentando a coincidência entre processo de produção e processo de trabalho, o que se reflete em uma maior captação de tempo de mais-trabalho (MARX, 1985).

Por forças produtivas, entende-se:

[...] as forças humano-sociais desenvolvidas pelos homens desde os primórdios do seu processo de hominização. Por exemplo, a produção de instrumentos rudimentares de caça ou a produção de um avião supersônico pressupõe um nível de desenvolvimento das forças produtivas no qual estão relacionados indissociavelmente força de trabalho social e os meios de produção. Em ambos os casos, há um quantum de conhecimento socialmente produzido e acumulado que se põe como condição *sine qua non* para a produção de uma lança de madeira ou de uma turbina de metais (LAZARINI, 2010, p. 172, *grifos itálicos* do autor).

Conforme descreve Marx no livro primeiro d'O Capital, as forças produtivas de uma determinada sociedade se subdividem em meios de produção e força de trabalho.

No que se refere aos meios de produção, Marx (2013, p. 258) faz o seguinte apontamento: “Se consideramos o processo inteiro do ponto de vista de seu resultado, do produto, tanto o meio quanto o objeto do trabalho aparecem como meios de produção, e o próprio trabalho aparece como trabalho produtivo”. O meio de trabalho é:

[...] uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto do trabalho e que lhe serve de guia de sua atividade sobre esse objeto. Ele utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas para fazê-las atuar sobre outras coisas, de acordo com o seu propósito (MARX, 2013, p. 256).

E objetos de trabalho são:

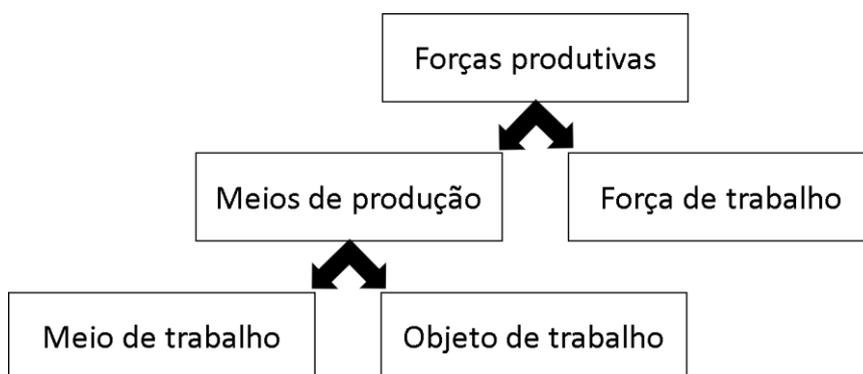
Todas as coisas que o trabalho apenas separa de sua conexão imediata com a totalidade da terra são, por natureza, objetos de trabalho preexistentes. Assim é o peixe, quando pescado e separado da água, seu elemento vital, ou a madeira que se derruba na floresta virgem, ou o minério arrancado de seus veios. Quando, ao contrário, o próprio objeto do trabalho já é, por assim dizer, filtrado por um trabalho anterior, então o chamamos de matéria-prima, como, por exemplo, o minério já extraído da mina e que agora será lavado. Toda matéria-prima é objeto do trabalho, mas nem todo objeto do

trabalho é matéria-prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima quando já sofreu uma modificação mediada pelo trabalho (MARX, 2013, p. 256).

A força de trabalho é energia humana, é o “[...] complexo [*Inbegriff*] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo” (MARX, 2013, p. 242, *grifos itálicos* do autor).

A relação entre as categorias econômicas de forças produtivas, meios de produção, força de trabalho, meio de trabalho e objeto de trabalho é sintetizada na imagem 1:

Imagem 1: Alguns conceitos relacionados ao de força de trabalho.



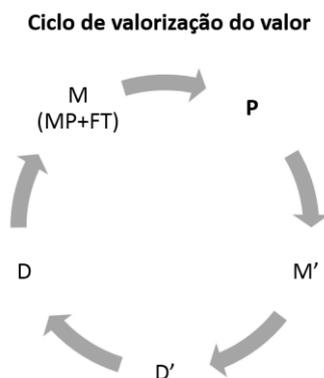
Fonte: Autoria própria.

Dentre essas categorias econômicas que configuram o processo produtivo no modo de produção capitalista, a força de trabalho ocupa um papel central. A explicação para isso encontra-se, exatamente, no processo produtivo capitalista, que se desenvolve da seguinte forma.

Primeiramente, o capitalista, dono dos meios de produção, emprega dinheiro (D) para comprar as mercadorias (M) força de trabalho (FT) e meios de produção (MP), que são constituídos por meios de trabalho e objetos de trabalho. Na sequência, precisará colocar essas mercadorias compradas no mercado de mercadorias em contato, de forma a transformá-las em capital produtivo (P), capacitando-as a produzir mercadorias acrescidas de valor (M'). Por fim, para a realização do ciclo do capital produtivo e a efetivação da extração de mais-valia, o capitalista necessitará vender a mercadoria produzida (M') aos consumidores, transformando-a em dinheiro acrescido de valor (D'). Em posse de D', o capitalista terá novamente as

condições necessárias para comprar mercadorias e dar início a um novo ciclo de valorização do valor (MARX, 2013).

Imagem 2: Ciclo do capital industrial ou ciclo de valorização do valor nos setores produtivos.



Fonte: Marx (1983).

A força de trabalho ocupa um papel central nesse processo apresentado na imagem 2 porque ela é a única fonte de mais-valia e valor – tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria – que é o combustível pelo qual se alimenta o modo de produção capitalista.

Marx (2013), ao explicar a “lei geral de acumulação capitalista”, explica que:

A força de trabalho é comprada, aqui, não para satisfazer, mediante seu serviço ou produto, às necessidades pessoais do comprador. O objetivo perseguido por este último é a valorização de seu capital, a produção de mercadorias que contêm mais trabalho do que o que ele paga, ou seja, que contêm uma parcela de valor que nada custa ao comprador e que, ainda assim, realiza-se mediante a venda de mercadorias. **A produção de mais-valor, ou criação de excedente, é a lei absoluta desse modo de produção [capitalista].** (MARX, 2013, p. 695, **grifos negritos** nossos).

Como explica Marx (1983), o homem, ao trabalhar:

[...] põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 1983, p. 297).

A força de trabalho, nesse sentido, precisa ter condições mínimas de saúde para ser vendida. Ela “[...] **só é vendável** na medida em que conserva os meios de produção como

capital, reproduz seu próprio valor como capital e fornece uma fonte de capital adicional em trabalho não pago” (MARX, 2013, p. 695, **grifos negritos** nossos).

Encontra-se aí uma das principais contradições desse modo societário: a relação entre capital e trabalho. No capitalismo, a tendência é que sejam continuamente formuladas estratégias para explorar ao máximo a força de trabalho, de forma que a taxa de mais-valia absoluta (aumento das horas de trabalho) e a taxa de mais-valia relativa (diminuição do valor da força de trabalho) sejam aumentadas ao máximo. Nesse sentido, ocorre que ao mesmo tempo em que o capitalismo se nutre da força de trabalho, ele a consome e a destrói. A força de trabalho se cansa, fica doente e morre.

Sobre esse último aspecto, é necessário fazer duas observações. A primeira delas é a de que a substituição da força de trabalho tem se tornado cada vez mais rápida e fácil – exceto para postos de trabalho que demandam um conhecimento e especialização aprofundados. Em regra, a força de trabalho inutilizada pode ser substituída pelo próprio produto dela – os filhos dos próprios trabalhadores.

Ademais, a substituição também é facilitada pelo atual contexto de reestruturação produtiva e aprofundamento da crise, marcado pelo aumento da população supérflua, superpopulação relativa ou exército industrial de reserva⁴. Como explica Marx (2013), a criação de uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista. É uma condição de existência do modo de produção capitalista. Esses “excluídos” são de suma importância para a dinâmica capitalista porque se constituem material humano sempre pronto para ser explorado (MARX, 2013). Aliados do processo produtivo, esses trabalhadores que compõem a “população supérflua” acabam por aceitar qualquer proposta de emprego para poderem manter sua subsistência, substituindo com facilidade, assim, aqueles trabalhadores exauridos e descartados.

A segunda observação é a de que o capital tem formas para driblar ou amenizar os prejuízos causados pela doença e morte das forças de trabalho. Desgastados, os trabalhadores se tornam potenciais consumidores de medicamentos e planos de saúde, por exemplo. Mesmo

⁴ Entende-se por “exército industrial de reserva” ou “superpopulação relativa” a camada da classe trabalhadora não empregada no mercado capitalista. Marx esmiúça esta questão no item 3 do Capítulo 23 d’O Capital (*A lei geral da acumulação capitalista*), intitulado *Progressão progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva*. Grosso modo, a superpopulação relativa desempenha um duplo papel no capital: ao mesmo tempo em que representa uma ameaça à coesão social, pressiona os trabalhadores empregados (aumentando a produtividade destes) e ainda oferece ao capitalismo uma fonte quase inesgotável de forças de trabalho prontas para serem imediatamente exploradas (MARX, 2013).

a força de trabalho morta é útil para movimentar alguns setores do comércio, como o de funerárias e floriculturas – que se nutrem da morte. Segundo Dino (2018):

No Brasil, o custo médio de um enterro é de R\$ 2,5 mil, segundo dados da Associação Brasileira de Empresas e Diretores do Setor Funerário (Abredif). Em São Paulo, o valor mínimo para um funeral básico é de R\$ 744,21, mas os custos podem ultrapassar R\$ 24 mil dependendo do caixão, dos enfeites florais, mesa de condolência, véu e velas. (DINO, 2018, p. 1).

Entretanto, sempre que possível, o capital precisa lançar mecanismos para manter a qualidade da força de trabalho que explora. É importante para que haja um aumento do tempo de sua utilização e produtividade. É exatamente nesse sentido, que é identificada, em seu âmago, a importância do discurso em prol da qualidade de vida e do *slogan fitness*, veiculados pela Educação Física.

A Educação Física na sociedade capitalista: a melhoria da qualidade de vida para a promoção da qualidade da força de trabalho

Primeiramente é importante ressaltar que o conceito de qualidade de vida é complexo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a qualidade de vida diz respeito à “[...] percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (BVS, 2013, p. 1). Nesse sentido, pode-se perceber que o conceito de qualidade de vida é amplo, complexo e, sobretudo, multifatorial. Está relacionado ao bem-estar espiritual, físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos e, também, saúde, educação, habitação saneamento básico e outras circunstâncias da vida (BVS, 2013).

É consenso na literatura científica que a Educação Física, à medida que promove a prática regular de exercícios físicos, pode contribuir sobremaneira para melhorar a qualidade de vida da população de diversas formas. Os principais benefícios da prática regular de exercício físico estão relacionados ao controle do peso e da composição corporal.

A manutenção da quantidade adequada de gordura corporal no organismo é proporcionada pelo equilíbrio entre a ingestão e o gasto energético do indivíduo. Quando a ingestão se sobressai ao gasto energético provoca-se uma sobra de energia e esta, por sua vez, principalmente por ação da insulina, é convertida em substância adiposa. Logo, estar

sobrepesado e/ou obeso significa, em termos fisiológicos, ter um acúmulo excessivo de energia no organismo na forma de tecido adiposo.

As células adiposas são de suma importância para a homeostasia corporal, tendo em vista que são utilizadas para o metabolismo energético, síntese de membranas e hormônios, fixação e proteção de órgãos, dentre outras funções. Em altas quantidades, no entanto, elas podem ser bastante prejudiciais ao organismo, visto que o predispõe ao desenvolvimento de inúmeras disfunções orgânicas como, por exemplo: dislipidemias, hipertensão arterial e intolerância à glicose, além de problemas de ordem psicológica como alterações de imagem corporal, ansiedade e depressão (GUYTON; HALL, 2002).

Essas disfunções orgânicas são consideradas pela literatura como os fatores de risco de maior relevância para o surgimento de doenças cardiovasculares, que, por sua vez, “[...] são a principal causa de morte no mundo: mais pessoas morrem anualmente por essas enfermidades do que por qualquer outra causa” (OPAS BRASIL, 2017, p. 1). O acúmulo de tecido adiposo está relacionado a diversos fatores, mas, principalmente, à inatividade física somada às dietas altamente energéticas. Este é um dos motivos pelos quais a prática regular de exercícios físicos está relacionada a uma maior saúde e qualidade de vida.

Dessa maneira, compreende-se que a Educação Física, ao mesmo tempo que contribui para com a melhoria da qualidade de vida, exerce uma função social de suma importância para o capital, à medida que ameniza os efeitos danosos das relações de trabalho capitalistas que impactam a saúde humana e promove a qualidade da força de trabalho, tornando-a mais produtiva e durável.

Considerações finais

A preocupação com a promoção e preservação da saúde do trabalhador acompanha a história da Educação Física, adquirindo uma roupagem diferente em cada momento histórico. Dessa forma, desde seu surgimento, a Educação Física está atrelada à tarefa de recomposição da força de trabalho exaurida pelo processo produtivo.

Com o desenvolvimento do modo societário capitalista e a consequente agudização de suas contradições, que potencializam as condições para o adoecimento humano, a execução dessa tarefa vem se tornando ainda mais necessária para o processo de reprodução ampliada do

capital. Nesse contexto, o *slogan fitness*, também veiculado pela Educação Física, vem promovendo mais um importante nicho de produção e reprodução do capital.

Referências

BVS. Biblioteca Virtual em Saúde. **Dicas em Saúde** – Qualidade de vida em 5 passos. 2013. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/260_qualidade_de_vida.html. Acesso em: 23 fev. 2019.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo, Cortez, 1992.

DINO. Morrer também custa dinheiro e setor funerário cresce com serviços voltados às classes C e D. **[Portal] Terra**, 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/morrer-tambem-custa-dinheiro-e-setor-funerario-cresce-com-servicos-voltados-as-classes-c-e-d,1d8058c867989dc1d175d1f5859f35c0yztocpii.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.

DOMENICO, M. D. Onda fitness movimentada US\$2 bi no Brasil e só cresce. Veja como aproveitar. **Exame**. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/onda-fitness-movimentada-us2-bi-no-brasil-e-so-cresce-veja-como-aproveitar/>. Acesso em: 18 out. 2019.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia Médica**. Rio de Janeiro: GUANABARA KOOGAN, 2002.

LAZARINI, A. Q. **A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani**: apontamentos críticos. 2010. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94563/287704.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 dez. 2018.

LUKÁCS, G. **O trabalho**. Tradução: Ivo Tonet. Extraído de *Per L'Ontologia Dell'Essere Sociale*. Roma: Riuniti, 1981.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: Rumo a uma teoria de transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

MONTAÑO, C. **Terceiro Setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OPAS BRASIL. **Organização Pan-Americana de Saúde**. Doenças cardiovasculares. 2017. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5253:doencas-cardiovasculares&Itemid=1096. Acesso em: 23 fev. 2019.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TONET, I. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.